



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA

UM VERDADEIRO COWBOY

peça teatral de autoria de Marília Samper

vencedora, em 2º lugar, do

6º Concurso Nacional de Dramaturgia - Prêmio Carlos Carvalho/2006

IMPORTANTE: Conforme o edital do Prêmio Carlos Carvalho / Auxílio-Montagem, concurso nº 17/10, processo nº 001.044122.10.1, item 2.4. “Os direitos autorais para montagem das peças teatrais, que são objeto do prêmio de auxílio-montagem, estão liberados pelos próprios autores”, exclusivamente, “nas datas para as apresentações gratuitas previstas no item 1.1 deste edital” (15, 16, 17, 22, 23 e 24 de julho de 2011), “sem ônus para o Município e para os encenadores”, após essas datas, a liberação para novas apresentações estará sujeita a novo acordo a ser realizado diretamente entre autores e encenadores. Qualquer infração aos direitos autorais estará sujeita à legislação vigente no País.

UM VERDADEIRO COWBOY

Marilia Samper

Para Delva Torres de Oliveira – minha mãe – e Milton Menezes – Bituim – que ajudaram o meu *cowboy* falar em português.

Para a minha família, por estar tão perto estando tão longe.

Para os meus amigos Juan, Marina, Celeste, Bárbara, Jessica, Joan Maria y Helena.

Para o meu amor, Paco.

PERSONAGENS:

O VELHO

A FILHA

JOHN WAYNE

MARILYN MONROE

1

Na sala de estar de uma casa modesta. Os móveis são simples, um pouco envelhecidos, porém perfeitamente cuidados e ordenados. Alguns

porta-retratos mostram rostos sorridentes em preto e branco. As cortinas, meio fechadas, permitem entrever as folhas das janelas ao tempo em que transparecem pedaços dos forros ligeiramente amarelados. A sala permanece assim, quase em penumbra. Sobre a mesa redonda, está depositado um abrigo de mulher e, pendurada no espaldar de uma das cadeiras, uma bolsa. Sentado em uma poltrona, está um homem de uns setenta anos, aproximadamente. Em frente a ele, um televisor bombardeia imagens a todo volume, quando uma porta se abre, e repentinamente aparece A FILHA.

A FILHA

O que é que o senhor está fazendo?

O VELHO, com os olhos cravados no televisor, parece não escutá-la.

A FILHA.

Baixa este volume, pai.

O VELHO continua sem responder.

A FILHA

Baixa o som desse televisor, merda!

A FILHA se dirige ao VELHO, lhe arranca da mão o controle remoto e desliga a televisão. O VELHO a observa, desconcertado.

A FILHA

Mas o que é que está acontecendo? O senhor está surdo, é?

O VELHO olha pra ela sem responder nada.

A FILHA

Tá louco! Acabamos de chegar, e o senhor vai logo ligando essa maldita TV?

O VELHO

Não sei.

A FILHA

Estou morta de cansaço! Esse dia não foi nada fácil. A última coisa que desejaria é ouvir essa porcaria.

O VELHO

Desculpa, foi sem querer.

A FILHA

Preciso estar em silêncio. Pode compreender isso?

O VELHO

Está bem, minha filha.

A FILHA deixa o controle do televisor cair sobre as pernas do VELHO.

A FILHA

O senhor também deve estar cansado. Ainda mais depois de ter subido toda esta escadaria.

O VELHO

São só dois andares.

A FILHA

Mas o senhor não conseguia nem respirar direito.

O VELHO

Eu estou bem.

A FILHA

Não vê que já não tem mais idade para subir escadarias?

O VELHO

Tua mãe e eu sempre subimos. Ela diz que é bom para esticar as pernas.

A FILHA

Isto me parece ótimo, pai, mas eu não pretendo perder uma tarde inteira só para subir dois andares, degrau por degrau. Na próxima vez subiremos de elevador e ponto final.

O VELHO

Está bem minha filha, está bem.

A FILHA

E nem pense em subir essas escadas quando estiver sozinho, pode cair e... era só o que me faltava, né?

O VELHO

Está bem filha. Subirei sempre de elevador.

A FILHA se dirige à mesa, recolhe o casaco, dobra-o com cuidado e o coloca sobre o assento de uma cadeira. Senta-se em outra, praticamente dando as costas ao VELHO. Apóia os braços cruzados sobre a mesa e deita a cabeça sobre eles. Fecha os olhos. O VELHO, com ar acuado, a observa, buscando no emaranhado confuso de seu cérebro palavras que possam alimentar algum diálogo entre ambos, mas logo desvia o rosto para pousar os olhos no chumbo infinito da tela muda da TV. Perde-se no vazio até conseguir novamente voltar seu olhar para A FILHA.

O VELHO

Você está dormindo, filha?

A FILHA

(Após alguns segundos estática, sem sequer abrir os olhos) Não.

O VELHO

Você não quer vir aqui e sentar pertinho de mim?

O Velho olha para a poltrona vazia que está ao seu lado e dirige novamente o olhar para sua filha.

A FILHA

(Erguendo a cabeça, mas ignorando por completo o VELHO) Estou bem aqui, pai.

O VELHO

Essa cadeira aí é muito dura.

A FILHA

Mas eu prefiro.

O VELHO

Aqui você poderia dormir um pouco, se quiser.

A FILHA

Não quero dormir. *(Silêncio)* Muito obrigada.

O VELHO

Ah.

O VELHO abaixa a cabeça e fita o próprio colo. Mantém nas mãos o controle remoto. Passa-o de uma mão à outra lentamente, durante um bom tempo. A FILHA, com o olhar vago, tem uma expressão que acusa enorme cansaço. Esfrega continuamente o rosto com os dedos de uma mão, como sob a ação de um incontrolável tique nervoso. Pega a bolsa que está pendurada no encosto da cadeira e a coloca sobre a mesa. Com uma mão tesa e trêmula, remexe dentro e pinça um maço de cigarros, do qual retira com dificuldade um deles para colocá-lo entre os lábios. Afoita, se põe a buscar na bolsa novamente e dela retira um isqueiro. Acende o cigarro e aspira com intensidade. Cerra os olhos enquanto solta densas baforadas de fumaça. Traga desesperadamente, como se aquele fosse o último cigarro de sua vida. O VELHO levanta a cabeça voltando seu olhar para ela. Demonstra inquietude. Tenta dizer algo, mas somente acerta mover os lábios sem emitir nenhum tipo de som. Ele a observa, com expressão assustada.

O VELHO

É melhor abrir a janela, filha. A tua mãe não gosta desse cheiro.

A FILHA aperta a mandíbula. Sem olhar para o pai levanta-se crispada da cadeira e atravessa com rispidez a sala. Com gestos nervosos afasta as cortinas deixando que a luz encarnada do entardecer banhe o recinto e, ato contínuo, abre a janela. Tudo parece oscilar com o ar que entra. A FILHA aperta o cigarro entre os dedos enquanto seu olhar se perde para além da paisagem oferecida pela janela. Fuma agora com menor ansiedade, dando a impressão de a sua tensão haver se dissipado por entre as nuvens de fumo que se diluem no ar. Pouco a pouco relaxa. A dureza de seu olhar vai cedendo

lugar a uma sombra de tristeza. A FILHA se volta e olha para o VELHO, sentado em sua poltrona, cabeça apoiada no encosto, olhos fechados. A FILHA vai se aproximando do pai, senta-se ao seu lado e lhe sacode suavemente.

A FILHA

Pai.

O VELHO

(O VELHO despertando, ligeiramente sobressaltado) O quê?

A FILHA

Por que não vai se deitar?

O VELHO

Não, ainda é cedo.

A FILHA

Mas se o senhor já está praticamente dormindo!

O VELHO

Só fechei os olhos um momento, só isso.

A FILHA

Foi um dia muito cansativo. Acho que precisa descansar.

O VELHO

Estou bem aqui, com você, na sua companhia.

A FILHA vira a cabeça, fugindo do olhar do pai. O VELHO estende a mão e acarícia suavemente o rosto da FILHA, que se esquiva para escapar da carícia do VELHO.

A FILHA

De qualquer forma terei que ir daqui a pouco. Vou só esperar que o senhor durma, e irei.

O VELHO

Você vai embora?

A FILHA

Lógico pai, eu também preciso descansar.

O VELHO

Você pode ficar aqui.

A FILHA

Mas eu quero ir para minha casa, pai.

O VELHO

Esta também é tua casa.

A FILHA

O senhor não acha que eu vou viver aqui, acha?

O VELHO

Só estou dizendo que você poderia ficar aqui hoje.

A FILHA

Já te disse que não.

O VELHO

Assim você não precisa pegar o ônibus.

A FILHA

Não vou ficar, merda. Parece um débil mental. Já te disse que quero ir para a minha casa.

O VELHO

Está bem, está bem.

A FILHA

Amanhã de manhã eu volto.

O VELHO

Está bem.

A FILHA

Então, quanto antes o senhor for deitar, mais cedo poderei ir embora.

O VELHO

Mas se ainda nem anoiteceu.

A FILHA

Que importa isso? Quando fechar os olhos não vai saber se é dia ou se é noite.

O VELHO

É que não gosto de deitar antes da tua mãe chegar.

Silêncio. A FILHA se dirige à janela e a fecha. Fecha também as cortinas, bruscamente. A sala fica quase escura, na penumbra.

A FILHA

Vai para a cama, pai. Por favor.

Silêncio.

O VELHO

Está bem, filha. Está bem.

O VELHO se levanta da poltrona e caminha, arrastando os pés, em direção ao dormitório.

O VELHO

Então me avisa quando você for.

A FILHA

Irei quando o senhor estiver dormindo.

Silêncio.

O VELHO

Está bem.

A FILHA apóia a cabeça no encosto da poltrona, corre as mãos pelo rosto e olha de soslaio o vazio do televisor. Depois cruza os braços e cerra os olhos. O VELHO a observa com tristeza. Entreabre a porta do quarto e, pelo desvão, sente a ameaça da escuridão que preenche o cômodo. Permanece assim durante um curto espaço de tempo, imóvel. Dá um passo para dentro e acende a luz da habitação. Arrastando os pés, se aproxima da cama, olha-a, dá uma volta sobre si e se senta no colchão. Aos poucos, deixa o corpo tombar para um lado e assim permanece, caído, sem tirar roupas ou sapatos, encolhido numa esquina da cama. Mantém os olhos abertos, mas perdidos no oco do mundo, sem foco ou direção, apenas sentindo na alma o abandono e a mágoa de um cão enxotado por seu dono. A FILHA se levanta e vai até a mesa. Tira do maço um cigarro e o acende. Ao voltar para a poltrona, observa a porta do quarto escancarada, e seu olhar se cruza com o do pai. Passado um instante, a moça vai até a entrada do dormitório, agarra a maçaneta da porta e a fecha, sem sequer apagar a luz. Em meio ao silêncio pesado que a envolve, retorna para a poltrona, tragando longa e profundamente até que o cigarro se converta em um pequeno toco enrugado, carbonizado entre seus dedos.

2

A FILHA, dormindo no sofá, ainda tem o cigarro entre os dedos. A porta do dormitório está agora aberta e com a luz apagada. Por detrás das cortinas

fechadas, percebe-se instalada a noite. A sala está praticamente escura, salvo pela réstia de luz que vem por sob a porta da cozinha. Dentro em pouco, se escuta um estardalhaço de objetos que caem. A FILHA acorda sobressaltada.

A FILHA

Que foi isso? O que aconteceu?

Silêncio. Ouve-se como se, depressa e desajeitadamente, estivessem tentando recolher os objetos caídos.

A FILHA

Papai... O senhor está bem? Que aconteceu, o senhor caiu?

O VELHO

(De lá de dentro, com a voz tremendo) Não, não foi nada.

A FILHA

Deixa, pai. Eu recolho tudo.

O VELHO aparece pela porta e ali permanece, olhando A FILHA com aspecto de desconcerto e abandono, no aguardo, mudo.

A FILHA

(Olhando O VELHO) Então!...

A FILHA fecha os olhos, respira um segundo depois vira em direção ao pai, esforçando-se para conter os nervos.

A FILHA

Que é que estava fazendo na cozinha?

O VELHO

Estou com fome.

A FILHA

E por que é que não está na cama?

O VELHO

É que não conseguia dormir.

Silêncio.

A FILHA

Bom, vou preparar alguma coisa. Uma omelete.

O VELHO

Não tem nada para comer.

A FILHA

Alguma coisa deve ter.

O VELHO

Tua mãe não deixou nada preparado para a janta desta noite.

A FILHA

Como o senhor queria que ela preparasse o que quer que fosse?

O VELHO

Ela sempre deixa a comida feita desde pela manhã.

A FILHA

Pai, pelo amor de Deus!

O VELHO

Ela terá esquecido.

A FILHA sai da sala de estar e se dirige à cozinha evitando olhar para o pai. O VELHO, então, se senta na poltrona com os braços apoiados nas pernas e o olhar cravado no televisor apagado. De onde está, ouve A FILHA a recolher os trastes caídos e o soluço que ela não conseguiu conter.

A FILHA

Merda!

A FILHA bate a porta da cozinha com força. O pai gira a cabeça levemente em direção ao estrondo, observa a porta fechada por trás da qual

brota um choro convulsivo, entrecortado por espasmos abafados. O VELHO tem na cara a expressão de um menino assustado. Liga a televisão, contudo, mantém os olhos pregados na porta fechada da cozinha. Aos poucos o pranto se amaina, fica mais e mais débil até por fim tornar-se inaudível. O VELHO, então, volta-se para o televisor. Imagens, ruídos e conversações estúpidas desfilam à sua frente sem que provoquem a mínima reação. A FILHA sai da cozinha trazendo um prato com um sanduíche e o serve ao Velho.

A FILHA

Toma.

O VELHO a olha, pega o prato, coloca-o sobre seus joelhos e o observa com desânimo.

A FILHA

O senhor não tinha fome? Aí tem a comida.

O VELHO dá uma mordiscada e mastiga com dificuldade o pequeno pedaço que arrancou. A FILHA o observa em silêncio.

A FILHA

Papai.

O VELHO, calado, olha para sua filha. Ela, por sua vez, lhe toma da mão, com suavidade, o controle da tv, desligando o aparelho. Silêncio.

A FILHA

A mamãe está morta.

Silêncio.

A FILHA

Que é que acontece? O senhor já não lembra?

O VELHO

Sim.

A FILHA

Nós a enterramos esta manhã.

O VELHO

Já sei.

A FILHA

E então por que é que fala dela desse jeito?

O VELHO

Porque, pode ser que... ela pode vir...

A FILHA

Pai, não fale besteiras, por favor. Mamãe morreu. Eu também estou triste, pombas! Mas pelo amor de Deus, deixe de falar dessa maneira. Era só o que me faltava, o senhor endoidecer numa hora dessas. Mamãe já não está aqui. O senhor tem que se conformar e agüentar. Ela não virá preparar a janta.

Silêncio.

O VELHO

Está bem, minha filha.

A FILHA

A partir de agora vai ter que solucionar suas coisas sozinho.

O VELHO enterra seus olhos no prato.

O VELHO

Está bem, minha filha.

Silêncio.

A FILHA

E então, vai ou não vai comer?

O VELHO

É que já não tenho fome.

A FILHA

O senhor deu somente uma mordidinha.

Silêncio

A FILHA

Desse jeito vai ficar doente.

Silêncio.

A FILHA

Faz um esforcinho e vê se come um pouco.

O VELHO

É só que...

A FILHA

Quê?

O VELHO

É por causa da dentadura. Não posso mastigar bem. O pão está muito duro.

A FILHA se senta no braço da poltrona, lhe toma o sanduíche das mãos e arranca com os dedos um pequeno pedaço, oferecendo-o ao pai. O VELHO come mastigando sem ânimo. A FILHA parte outros tantos pedacinhos e os distribui pelo prato que está sobre os joelhos do VELHO, ele, por sua vez, a observa com um misto de tristeza e agradecimento. A FILHA, porém, foge do olhar paterno.

O VELHO

Já não quero mais.

A FILHA

Está bem.

A FILHA toma o prato com os restos de comida, levanta-se e vai para a cozinha.

A FILHA

Vou lhe trazer um copo de leite e um remédio para que possa dormir.

O VELHO

Está bem... minha filha.

A FILHA ao ouvi-lo, se detém un instante, irritada. Respira fundo e continua caminhando até desaparecer cozinha adentro. O VELHO, passado um instante, indeciso sobre o que fazer, pega o controle da TV e a liga.

A FILHA

(Da cozinha) Não vai ligar a televisão outra vez, não. Pelo menos enquanto eu estiver aqui. Não suporto essa porcaria.

O VELHO volta a deixar o controle sobre seus joelhos e fica com a vista pregada na televisão desligada. A FILHA retorna a passos rápidos, trazendo um copo de leite e um comprimido que são entregues ao pai.

A FILHA

Tome isto e vá para a cama.

O VELHO toma o comprimido e, num só gole, bebe o copo de leite. Ato seguido entrega o copo vazio À FILHA que o recolhe sem lhe dirigir o olhar.

A FILHA

(Ao tempo que retorna à cozinha levando o copo). Eu vou embora agora, viu pai? Acabou ficando muito tarde.

O VELHO

Você vai embora... a estas horas?

A FILHA

Não vamos discutir tudo isto outra vez, não é mesmo, pai?

O VELHO

Está bem, minha filha, está bem.

A FILHA

Na cozinha tem comida suficiente. Olhe bem antes de dizer que não há nada quando tiver fome.

O VELHO

Você não vai voltar amanhã?

A FILHA

Pois já não disse para o senhor que venho?

O VELHO

A que horas você vem? Cedinho?

A FILHA

Virei quando eu puder.

O VELHO

Está bem.

A FILHA

Pode me telefonar caso o senhor tenha algum problema. Mas te peço um favor, não me chame por qualquer bobagem, porque senão vou ignorar. Não vou dar nem bola.

O VELHO

Está bem, minha filha, está bem.

A FILHA pega seu agasalho buscando em seguida a bolsa que está sobre a mesa, com gestos apressados introduz um maço de cigarros nela. Dirige-se à porta e abre, detendo-se somente um instante para vestir o casaco.

A FILHA

(Sem se voltar para olhar o pai) Até amanhã.

O VELHO

(Enquanto A FILHA sai pela porta) Até...

O restante da frase perde-se no ar, tartamudeado pelos lábios ressequidos do VELHO que só faz observar a violência da porta sendo

fechada, chocando-se ruidosa contra o batente. Toda a sala fica escura. O VELHO permanece assim, sentado na poltrona, quieto, em meio à escuridão, sendo por vezes sacudido por um débil soluço. Ele liga a tv. A luz esbranquiçada do aparelho faz surgir no ambiente sombras macabras, de estranhas conformações. O VELHO, com os lábios apertados, o queixo tremendo, tem o aspecto de uma criança aterrorizada. Os olhos aquosos passeiam esquadrinhando a solidão da sala. Na penumbra, ecoa a voz vinda do televisor, anunciando em altos brados as maravilhas de absurdos artigos de limpeza.

3

A réstia de claridade que atravessa através da pequena fresta existente entre as cortinas, é como um bordão de luz a fazer contraponto com a

luminosidade intermitente, frenética, atirada pela televisão, ambas fontes luminosas logrando interromper o negrume em que está mergulhado o apartamento. O VELHO dorme em sua poltrona diante da televisão ligada, com o som nas alturas. A campainha do apartamento toca desesperadamente. A porta se abre, e A FILHA entra.

A FILHA

Cacete, que é isso?

A FILHA corre até a poltrona onde O VELHO dorme.

A FILHA

Pai, pai!

Sacode O Velho com intensidade.

A FILHA

Papai!

O VELHO acorda assustado.

A FILHA

(Gritando) Onde está a merda do controle?

O VELHO busca nervosamente no assento até encontrar o controle da tv debaixo de suas pernas.

A FILHA

(Entregando-o à filha) Está aqui..

A FILHA desliga o televisor.

A FILHA

Como pode agüentar toda essa barulheira, esse som assim tão alto?

O VELHO a olha aturdido.

A FILHA

O senhor vai ficar surdo. Faz um tempão que estou tocando a campainha. Ainda bem que tenho as chaves da mamãe. Pensei até que tivesse te acontecido alguma coisa.

O VELHO

O que te importa o que aconteça ou não comigo?

A FILHA

Não seja estúpido! Não diga bobagens.

O VELHO

Você me disse que viria cedo.

A FILHA

É verdade, só que não tive tempo.

O VELHO

E eu aqui, o dia inteiro sozinho...

A FILHA

Não me aborreça, hein. Pelo amor de Deus, não comece a se queixar, papai!
Por favor.

O VELHO

Estive te esperando a manhã inteirinha.

A FILHA

O senhor sabe que também tenho minha vida. Sabe que tenho muitas coisas a fazer além de cuidar de um velho.

O VELHO

Eu também cuidei de você muitos anos.

A FILHA

Está me pedindo que lhe devolva os favores?

O VELHO

Sou o teu pai, minha filha.

A FILHA

E então, por que acha que venho aqui?

O VELHO

Acho que é porque você não tem outro remédio.

A FILHA evita o olhar do Velho. Tira de sua bolsa um maço e extrai dele um cigarro, que acende apressadamente para fumá-lo com avidez. Silêncio. A FILHA olha para o pai com ar conciliador.

A FILHA

O senhor deu uma saidinha?

O VELHO

Não.

A FILHA

Pôxa pai, o senhor não deveria ficar fechado aqui o dia inteiro.

O VELHO

Não tenho nada que fazer na rua.

A FILHA

Mas pode dar um passeio, tomar um pouco de ar.

Silêncio.

A FILHA

O senhor fica o dia inteiro, todo santo dia na frente do televisor?

Silêncio.

A FILHA

E como é que pode agüentar esse som tão alto?

O VELHO

Tenho medo do silêncio.

Silêncio.

A FILHA

Pode ligar a televisão se quiser.

O VELHO

É que não quero te incomodar.

A FILHA

Só me incomoda quando o som está muito alto.

O VELHO

Agora que posso conversar com você já não preciso da televisão.

A FILHA toma o controle da tv e liga em um canal qualquer o deixando em seguida no colo do VELHO.

A FILHA

Vou arrumar um pouco a casa.

O VELHO

Está bem, minha filha.

Ela abre as cortinas deixando entrar a luz do dia e se encaminha para o dormitório. O VELHO a segue com o olhar até vê-la desaparecer. Depois, com resignação, encara a caixa barulhenta do televisor. A FILHA sai um instante da habitação, trazendo no rosto um ar de interrogação.

A FILHA

O senhor arrumou a cama, pai?

O VELHO

Eu não.

Dando de ombros, ela segue para a cozinha, enquanto O VELHO se encolhe no sofá, observando os movimentos da FILHA.

A FILHA

Quer dizer que o senhor não deitou e nem sequer comeu qualquer coisa o dia inteiro?

Silêncio.

A FILHA

Que está acontecendo? O senhor decidiu ficar aí sentado o resto da vida?

Silêncio.

A FILHA

Espero que não esteja fazendo isto para me obrigar a vir aqui todos os dias para te dar comidinha na boca e te cuidar como se fosse um bebê!

O VELHO

Não, minha filha, não te peço nada.

A FILHA

Bom, e então...?

O VELHO

É que tem coisas que sem a sua mãe...

A FILHA

Não vai me dizer que não tinha comida porque sei que tem.

O VELHO

É que eu não sei cozinhar, filha. Era sempre sua mãe quem fazia. Eu... não sei.

A FILHA

Pelo amor de Deus, pai, todo mundo sabe fazer pelo menos um sanduíche.

O VELHO

Não posso comer direito por causa da dentadura.

A FILHA

Pois então prepare uma sopa de pacotinho, merda! A única coisa que tem que fazer é despejar tudo em água fervendo e mexer até dissolver. Não acredito que o senhor seja tão inútil assim que não saiba fazer isto.

Silêncio.

O VELHO

Bem. Vou tentar minha filha.

Silêncio

A FILHA

Me desculpa.

O VELHO

Você tem razão. Sou mesmo um inútil. Um velho que não sabe fazer nada sozinho.

A FILHA

O senhor vai ter que aprender se não quiser morrer de fome.

O VELHO

Bom, para mim isto já não importa.

A FILHA

Não se faça de vítima, pai. O senhor pensa que é o único que sofre porque mamãe morreu?

Silêncio

O VELHO

Você é jovem, tem as tuas coisas, teu trabalho, tuas amizades. Eu só tinha ela, somente ela. Agora já não tenho nada.

Silêncio

A FILHA

Bom, já vou indo.

O VELHO

Já vai?

A FILHA

Sei que o senhor gostaria que eu ficasse aqui horas e horas para lhe fazer companhia, mas não espere isto de mim, por favor. Para vir até aqui é um transtorno, além do que, preciso cuidar da minha vida e estar tranqüila. A última coisa que faria seria me enterrar nesta casa. *(Silêncio)* Sinto muito, pai.

O VELHO

Está bem, minha filha.

A FILHA

Mas não se preocupe, virei umas duas vezes por semana para fazer uma limpeza e preparar alguma comida se te faz falta. Não pense que vou te deixar sozinho. O senhor é o meu pai.

O VELHO

Já aceito a idéia de que estou só, minha filha.

A FILHA

Existem muitos velhos neste bairro, pai. Por que o senhor não procura fazer amizade com eles?

A FILHA sai fechando a porta. O VELHO desliga a tv e se levanta da poltrona. Todo o seu corpo treme como que ameaçando desmanchar-se de um momento para outro. Ele volta o rosto para o lado do dormitório e segue trôpego para lá. A meio caminho rompe a chorar com o desconsolo de um animal ferido, emitindo um pranto rouco que lhe chega do âmago para brotar líquido através dos olhos enevoados. O VELHO entra no quarto como em uma toca fechando atrás de si a porta.

A penumbra da sala agora é somente quebrada pelo facho de luz que rompe através da porta da cozinha. O VELHO surge dali, trazendo um copo com água numa das mãos e na outra um pacotinho de sopa e uma colher. Senta-se em sua poltrona. Coloca o copo no chão junto a seus pés. Com mãos trêmulas, tenta abrir o envelope de sopa, que resiste. Desajeitado, ele imprime mais força na tentativa de vencer o lacre e, por fim, a abertura se faz com estardalhaço, esparramando por todos os cantos sua farinha amarela. O VELHO resmunga. Toma o copo do chão, verte ali o conteúdo restante e mexe com uma colher. Por um tempo examina a mistura feita, lhe percebe o cheiro e, assumindo um ar de repugnância, bebe todo o conteúdo de uma só vez. Seu rosto, então, se deforma numa expressão de nojo.

Neste instante, pelo umbral da porta da cozinha aparece um homem corpulento. Traz um sorriso de meio lado estampado na cara. Veste uma calça jeans desgastada, camisa azul, um lenço vermelho atado ao pescoço e um inconfundível chapéu de aba larga que lhe cai sobre a fronte. É JOHN WAYNE que, em pose de cowboy, de braços cruzados, apoiado no batente da porta, observa O VELHO arrumando as sobras de sua refeição: a mão incerta amassando o pacote de sopa, empurrando nervosa o envelope amarfanhado para dentro do copo, acoplado ali a colher utilizada e, em seguida, pousando no chão esses restos organizados.

JOHN WAYNE

Ei, amigo!

O VELHO, sobressaltado, surpreso, volta a cabeça em direção à porta da cozinha aterrorizado.

JOHN WAYNE

(Erguendo os braços e dando uma volta sobre si mesmo) Fique tranquilo, amigo. Estou desarmado!

O VELHO se encolhe na poltrona, incapaz de emitir qualquer som.

JOHN WAYNE

Que é que está fazendo aí, nesta escuridão?

O VELHO

(O VELHO Com um fiozinho de voz.) Eu?

JOHN WAYNE

Sim, você. Por acaso está se escondendo?

O VELHO

Não, eu não.

JOHN WAYNE

O mar não está pra peixe, hein, amigo?

O VELHO, atônito, não sabe o que responder.

JOHN WAYNE

É duro seguir adiante quando tudo parece estar indo contra, é ou não é? Mas um verdadeiro *cowboy* nunca se rende. Não é verdade, amigo?

Silêncio. O VELHO mede o homem, de cima para baixo. Os olhos parecem sair-lhe de suas órbitas. O queixo treme descontroladamente.

O VELHO

Me desculpe....

JOHN WAYNE

Sim?

O VELHO

Estou morto?

JOHN WAYNE

Eu diria que não.

O VELHO

Ah!

Silêncio

O VELHO

E então... por que é que você está aqui?

JOHN WAYNE

Venho para te ver, amigo.

O VELHO

Eu?

JOHN WAYNE

Você. É que um verdadeiro *cowboy* nunca abandona um companheiro com problemas.

O VELHO

Ah!

Silêncio

O VELHO

Me desculpa. Posso fazer uma pergunta?

JOHN WAYNE

Lógico.

O VELHO

Você é o John Wayne?

JOHN WAYNE

Bingo!

O VELHO

Que coisa mais estranha.

JOHN WAYNE

Mas o que é que te parece tão estranho assim, companheiro?

O VELHO

Que alguém venha me visitar.

JOHN WAYNE

Que maneira é essa de se receber um amigo? Pensei que me convidaria para um bom trago, que ofereceria alguma coisa quente para encher minha pança.

O VELHO

É que... aqui, agora não tenho nada.

JOHN WAYNE

Isto é impossível!

O VELHO afasta, com os pés, o copo com os restos de sopa que havia deixado no chão, ao lado da poltrona, tenta ocultá-lo.

O VELHO

Não tem nada. Minha mulher... ela não está e não deixou nada preparado para comer.

JOHN WAYNE

Caramba! Não pode ser. Aposto que se procurarmos, direitinho, acharemos alguma coisa que preste na cozinha.

O VELHO

Mas é que...

JOHN WAYNE

Vamos, amigo, movimenta estas pernas. Venho de muito longe e trago uma fome dos demônios.

O VELHO

(Levantando-se apressadamente da poltrona) Está bem.

JOHN WAYNE

Tem certeza que não sobrou nem uma gota de uísque?

O VELHO

Acho que talvez tenha algumas caixas de leite.

JOHN WAYNE

Esplêndido! Pois enchamos nossos copos e brindemos esse nosso encontro.

O VELHO vai devagarinho até o interruptor e acende a luz repentinamente, como se quisesse surpreender um animal caçado. Sob a iluminação, tudo apresenta uma aparência mais real, até mesmo o JOHN WAYNE, que lhe oferece um de seus sorrisos cinematográficos, de meio lado. O VELHO fica estático, olhando-o incrédulo, postado no meio da cozinha.

JOHN WAYNE

Ânimo, cowboy! Estou te esperando para este brinde. Não vai querer que te faça dançar à força de chicotadas. Não é mesmo?

O VELHO corre para dentro da cozinha. JOHN WAYNE passeia por toda a habitação portando seu sorriso de meio lado estampado na cara.

O VELHO

(Aparecendo tímidamente pela porta da cozinha com duas canecas cheias de leite nas mãos) Desculpe... é que não sei se quer açúcar no leite.

JOHN WAYNE

Açúcar? (Arrebatando-lhe um copo) Um cowboy de verdade prefere as bebidas fortes. Nada de açúcar, amigo. Bate aqui o teu copo e...! De um só trago!

JOHN WAYNE choca sua caneca com a do VELHO, que parece estar petrificado, e depois bebe tudo de um só gole.

JOHN WAYNE

(Limpendo a boca com a manga da camisa) Aaaah! Vacas, amigo. Vemos essas bichinhas tão tranqüilas, sempre ruminando, mascando feno como se fosse fumo e são todo um manancial de delicioso manjar.

O VELHO o imita sem deixar de seguir-lhe com o rabo do olho, mas demora muito em beber o seu conteúdo. JOHN WAYNE lhe sorri com ar paternal.

JOHN WAYNE

(Dando-lhe umas palmadas nas costas quando por fim conseguiu esvaziar a caneca inteira) É assim que eu gosto! Bom rapaz!

JOHN WAYNE lhe arrebatou a caneca das mãos e a colocou junto à sua, sobre a mesa. Depois limpou a boca com a ponta da camisa. O *VELHO* lhe sorriu, um tanto acanhado.

JOHN WAYNE

Vejo que agora você está bem melhor. Não há nada como tomar uns bons tragos para recobrar as forças, é ou não é?

JOHN WAYNE lhe dá uma cotovelada de cumplicidade e lhe pisca um olho. O *VELHO* concorda como um menino obediente.

JOHN WAYNE

(Inspecionando o apartamento com o olhar) Não está nada mal esta choça, amigo. Gosto muito deste lugar.

O *VELHO* está quieto no meio da sala sem saber o que fazer, enquanto *JOHN WAYNE* caminha de um lado para outro, tocando e observando tudo. De repente, o cowboy dá um salto, como se montasse um cavalo e cai sentado na poltrona. O *VELHO*, fascinado com a proeza, fica com os olhos arregalados como dois pratos.

JOHN WAYNE

(Estirando as pernas e cruzando os braços por detrás da cabeça) Este é um lugar magnífico para descansar depois de passar o dia inteiro cavalgando, não é mesmo, vaqueiro?

O VELHO

Não sei. Você acha?

JOHN WAYNE

Claro que sim. *(Mostrando-lhe a outra poltrona)* Sente-se aqui homem, fique à vontade.

O *VELHO* toma assento timidamente e adota a mesma postura de *JOHN WAYNE*, denotando o prazer de um moleque que brinca de ser adulto. *JOHN WAYNE* tira um maço de cigarros do bolso de sua camisa e, como um malabarista, lança um cigarro no ar e logo o captura com os lábios. O *VELHO*

observa fascinado. JOHN WAYNE acende um palito de fósforo na sola de sua bota e dá fogo ao seu cigarro. O VELHO se inquieta por um instante.

O VELHO

Me desculpe. Se quer fumar, é melhor que abra a janela. Minha mulher não suporta o cheiro de tabaco.

JOHN WAYNE

Muito bem, amigo, isto não é problema.

O VELHO

(Justificando-se) Embora ela não esteja presente, gosto de respeitar seus costumes.

JOHN WAYNE

Não se preocupe, amigo, eu te compreendo.

JOHN WAYNE se levanta de um salto e escancara a janela. Depois, volta a sentar na poltrona.

JOHN WAYNE

Quer um cigarrinho?

Sem esperar que O VELHO responda, lhe coloca um cigarro na boca e o acende com um fósforo. O VELHO aspira com o temor de quem faz alguma coisa errada.

O VELHO

(Expirando a fumaça lentamente) Quanto tempo. *(Dirigindo-se a JOHN WAYNE, mostrando-lhe o cigarro entre os dedos)* O médico me proibiu.

JOHN WAYNE

Bah, um dia é um dia, rapaz.

O VELHO

Onde foi que aprendeu a fazer isto?

JOHN WAYNE

Isto o quê?

O VELHO

Isto de acender o fósforo na sola da bota.

JOHN WAYNE

No Velho Oeste, naturalmente.

O VELHO

Ah, claro.

Silêncio.

O VELHO

Deve ser muito grande o Velho Oeste, não é?

JOHN WAYNE

Imenso. Uma vastidão de poeira e areia. Um lugar difícil para sobreviver.

O VELHO

Posso imaginar. A gente vê nos filmes de *farwest*.

JOHN WAYNE

Você nunca esteve no Oeste americano, *cowboy*?

O VELHO

Bom, tenho visto algumas vezes pela televisão.

JOHN WAYNE

É um lugar fascinante. Mais ainda quando a noite cai, e as estrelas parecem dominar o deserto inteiro. É o espetáculo mais belo que há na face da terra.

O VELHO

Ah, se eu pudesse ver...

JOHN WAYNE

E ver, compadre. Pode ter certeza.

O VELHO

Para mim já se acabou o tempo de ver mais coisas.

JOHN WAYNE

Agora é quando vai poder começar a vê-las.

O VELHO

Sou um velho sozinho. Aonde posso ir?

JOHN WAYNE

Nesta vida sempre estamos sozinhos, *cowboy*.

O VELHO

Isto não é verdade. Antes eu tinha a minha mulher, a minha menina. Agora uma se foi, e para a outra sou só um estorvo. Fiquei sem nada. Me sinto um traste velho.

Sem poder evitar, algumas lágrimas escapam dos olhos do VELHO que, envergonhado, cobre o rosto com as mãos.

O VELHO

Me desculpe.

JOHN WAYNE

(Apertando-lhe o braço com ternura) Fique tranqüilo, vaqueiro.

O VELHO

Não deveria chorar diante de um homem tão valente como você.

JOHN WAYNE

Eu também choro em muitas ocasiões.

O VELHO

(Secando as lágrimas com a ponta dos dedos) É verdade?

JOHN WAYNE

Sobretudo quando me dão um tiro na perna. Isto sim que é doloroso!

O VELHO

Faço idéia!

JOHN WAYNE

Ou então quando estou cavalgando deserto afora, e os olhos ficam cheios de areia. Uff!

O VELHO

Ahhh!

JOHN WAYNE

Mas o pior é quando tomo um uísque duplo de um só trago. Essa bebida dos demônios sempre me faz soltar lágrimas.

O VELHO

Pra mim isso acontece com cachaça. Mas agora não bebo, fui proibido pelo médico.

JOHN WAYNE

Esse bando de papa-defuntos sempre proíbe tudo o que é bom.

O VELHO

Você também tem problemas de pressão alta?

JOHN WAYNE

Que você acha, compadre?...

Silêncio

O VELHO

Puxa vida! Só não entendo porque você está aqui, conversando comigo, só sei que gosto da sua companhia. (*Silêncio*) Na certa fiquei louco.

JOHN WAYNE

Ah, amigo, e quem não está louco neste mundo?

Silêncio

O VELHO

E então...

JOHN WAYNE

Sim?

O VELHO

Você é realmente o John Wayne?

JOHN WAYNE

Não tenha nenhuma dúvida, meu amigo!

O VELHO

Adoro todos os seus filmes.

JOHN WAYNE levanta ligeiramente o chapéu, como fazendo um cumprimento de agradecimento e reverência.

O VELHO

Pode me jurar que não estou morto?

JOHN WAYNE

Pelo melhor dos meus rifles.

O VELHO dá um suspiro profundo e ri.

JOHN WAYNE

Ei, *cowboy!* Que você acha de a gente jogar umas partidas de pôquer enquanto terminamos este litro de leite?

JOHN WAYNE tira do bolso de sua camisa um jogo de baralho, se levanta da poltrona e vai até a mesa. Prepara duas cadeiras, uma em frente à outra, sentando-se em uma delas.

JOHN WAYNE

Ânimo *cowboy*. Traga a bebida enquanto vou embaralhando as cartas.

O VELHO se levanta entusiasmado e vai até a cozinha.

JOHN WAYNE

Traga também uns grãos de feijão.

O VELHO

(Parando bruscamente antes de atravessar a porta da cozinha) Grãos de feijão?

JOHN WAYNE

Sim, você sabe, para apostar.

O VELHO

Mas só criancinhas jogam com feijões.

JOHN WAYNE

Você está querendo dizer que quer apostar com dinheiro de verdade?

O VELHO

Por acaso, um verdadeiro cowboy não aposta com dinheiro de verdade?

O VELHO encara o interlocutor com olhos faiscantes de astúcia. JOHN WAYNE, por sua vez, lhe dá por troco seu histórico sorriso de meio lado e ainda comemora lançando o chapéu para o alto e uivando qual coioote para um luar brilhante.

JOHN WAYNE

IIIIIIIIIIUHUUUUUUUUUUUU!

O VELHO entra na cozinha enquanto JOHN WAYNE embaralha e reparte as cartas. Quando retorna para a sala o faz trazendo um litro de leite nas mãos. Enche as duas canecas e toma assento diante de JOHN WAYNE.

JOHN WAYNE

(Levantando sua caneca) E começa a partida!

O VELHO levanta também sua caneca. Os dois bebem de um trago, e depois cada qual abre nas mãos seu leque de cartas. O VELHO busca e retira dos bolsos algumas pequenas moedas, atirando-as sobre a mesa.

O VELHO

Quatro centavos!

JOHN WAYNE

Caramba! Começas apostando forte, hein, *cowboy*!

O VELHO contrai o rosto num riso travesso enquanto troca as cartas de um lugar para outro. Seus olhos transbordam felicidade. JOHN WAYNE, com a doçura de um anjo, o observa.

O apartamento embebido na escuridão recebe tão somente a luminosidade tibia que penetra através das cortinas entreabertas. A um ruído de chaves na porta, segue-se a entrada da FILHA que, tateando, acende a luz da sala. O lugar se apresenta na mais absoluta desordem. Sentado na poltrona, O VELHO dorme, encolhido sob uma coberta. A FILHA permanece de pé junto à porta, incrédula diante da bagunça.

A FILHA

Deus do céu, o que é isto?

A FILHA se aproxima da mesa sobre a qual se espalham copos sujos, caixas vazias de leite, pratos e pedaços de pão. Pegando ao acaso um dos copos o cheira com esgar, reagindo ao fedor.

A FILHA

O que é isso?

Com o rosto ainda contraído de nojo, afasta algumas das coisas amontoadas sobre a mesa e pousa sua bolsa no espaço recém-aberto. Olha para o pai reparando sua decadência física, a barba por fazer, a sujeira que lhe toma o corpo. No chão, aos pés do velho, vários copos e pacotinhos de sopa. A FILHA não sai de seu assombro.

A FILHA

Que significa toda esta porcaria?

Ela se aproxima da poltrona onde O VELHO dorme e tenta despertá-lo, empurrando-lhe o braço com a ponta dos dedos, sem querer aproximar-se demasiado.

A FILHA

Pai, papai?

O VELHO não se move. A FILHA se inquieta por um instante.

A FILHA

Pai, acorda!

O VELHO se remexe na poltrona e, sobressaltado, olha para os lados com expressão confusa até, por fim, dar com a presença da FILHA à sua frente.

A FILHA

Por que a casa está desse jeito? Como é que o senhor aprontou esta bagunça?

O VELHO não responde. Com o queixo tremendo deixa escapar por entre os lábios um lamento.

A FILHA

Isto parece um esgoto. Que cheiro insuportável. Que te deu na telha de encher a casa de merda? Fico dois dias sem aparecer, e o senhor me castiga dessa maneira?

O VELHO contorce a boca e começa a soluçar, seu olhar atemorizado sucumbe diante da FILHA. Ela, por seu lado, distanciando-se alguns passos do pai, mantém os olhos inflamados de raiva postos sobre ele.

A FILHA

Mas o que está acontecendo? Por que é que está chorando agora?

O VELHO ainda a observá-la, soluça baixinho. Todo seu corpo treme sob a cobertura sustentada por suas mãos rugosas. A FILHA se ajoelha ao seu lado, mostrando-se indecisa quanto ao que fazer. Ora esfrega o rosto com as mãos, ora mexe nos cabelos, mas não deixa de medir o pai de cima a baixo.

A FILHA

O senhor está doente, pai? Por favor, fale de uma vez o que está sentindo.

A FILHA encosta uma mão na testa do velho, mas logo a retira para limpá-la na barra da saia. Um ar de repulsa permanece marcando sua expressão.

A FILHA

Por que o senhor não fala nada? O que é que há?

O VELHO continua a gemer. A FILHA, cada vez mais irritada, segura ao pai pelos braços e o sacode com força.

A FILHA

Fala alguma coisa, porra!

Assustado, O VELHO fecha os olhos e se encolhe em meio às cobertas.

O VELHO

Desculpa...

A FILHA, libertando-o, limpa as mãos na saia e com nervosismo fica a tocar o próprio rosto com a ponta dos dedos.

A FILHA

Por que o senhor faz isso, pai? Juro que não entendo.

O VELHO, abrindo os olhos, os dirige à FILHA, em silêncio, esforçando-se para não chorar.

A FILHA

Olha só como está tudo isto!

O VELHO

Me desculpe...

A FILHA

Por que fez esta sujeira toda?

O VELHO

Foi sem querer.

A FILHA

Conversa mole pai, não se faça de tonto. O senhor encheu a casa de merda de propósito, porque simplesmente te deu vontade. Não vai me dizer que não sabe onde está a lata do lixo?

O VELHO

Minha filha... Era tua mãe quem...

A FILHA

Ai meu Deus. Minha mãe! Agora até me alegro de que tenha morrido. Assim se livrou de ter que agüentar este velho nojento.

Silêncio. A FILHA estremece. O VELHO a olha com uma tristeza indescritível.

O VELHO

(Num fio de voz) Filha...

Agarrado à sua manta, O VELHO começa a chorar, em silêncio, sem emitir qualquer som. A FILHA evita seu olhar.

A FILHA

Tira esse cobertor que está sujo e fedorento.

A FILHA, irritada, arranca a coberta do pai com um puxão, deixando-o descoberto. O corpo decrépito, fraco, esparrama-se pela poltrona, mostra-se envolvido por um sem-número de roupas, sobrepostas, sem ordem ou sentido. Uma gosma amarelenta carregada de fedor tinge todas as suas vestimentas. A FILHA levanta-se de um pulo olhando para O VELHO com horror.

A FILHA

Cruz-credo!

O VELHO continua afundado em seu pranto mudo. A FILHA, retrocedendo uns passos, tapa a boca com as mãos, em convulsões, sacudida por uma incontrolável ânsia de vômito. Em seguida ruma para a mesa e se deixa cair em uma das cadeiras. Ali, cobre o rosto com as mãos.

A FILHA

Putá que pariu! Que merda!

Tudo está limpo e perfeitamente ordenado. Sobre a mesa um litro de leite e um par de canecas jazem ao lado de um baralho com o qual JOHN WAYNE e O VELHO jogam pôquer.

JOHN WAYNE

Pôquer de ases! Com os demônios! Você me arruinou, cowboy. Me deixou liso!

O VELHO encolhe os ombros, desanimado.

JOHN WAYNE

Hoje é o teu dia de sorte, hein, vaqueiro.

O VELHO

Você está me deixando ganhar.

JOHN WAYNE

Nada disso, de jeito nenhum, amigo.

O VELHO

Antes que você me mandasse ir à cozinha buscar mais leite, eu não tinha todos esses ases na mão.

JOHN WAYNE

Você é que não estava prestando atenção nas tuas cartas.

O VELHO

Você sempre faz algum truque para que eu possa ganhar o jogo.

JOHN WAYNE

Com cartas e mulheres não devemos nunca dar vantagens ao adversário, amigo.

O VELHO

Está bem...

Silêncio

O VELHO

Vai outro leite?

JOHN WAYNE

Dose dupla, por favor.

O VELHO serve somente a caneca de JOHN WAYNE que, enquanto embaralha as cartas, fica a encarar O VELHO.

JOHN WAYNE

Preparado para a revanche?

O VELHO

Não tenho mais vontade de continuar jogando.

O VELHO se levanta da cadeira e, cabisbaixo, segue para sua poltrona, onde se larga com os olhos fixos na TV apagada. JOHN WAYNE deixa as cartas sobre a mesa, ergue-se, tira um cigarro do bolso da camisa e o prende entre os lábios, caminhando em seguida até a janela para abri-la. Acende o cigarro correndo o palito de fósforos pela sola de sua bota, depois se planta apoiando um pé sobre uma das cadeiras. Seu sorriso de lado se deixa ver, cinematograficamente, por entre a fumaça que vai soltando.

JOHN WAYNE

O que se passa contigo, rapaz?

Silêncio.

JOHN WAYNE

E Então? Já não confia em mim?

O VELHO

Não é isso.

JOHN WAYNE

Pois então desabafa com esse teu velho amigo.

O VELHO

Nada... é só que às vezes fico meio triste.

JOHN WAYNE

Será que é porque fica pensando em sua mulher?

O VELHO

Não tem jeito, não me acostumo a ficar sem ela. Vivemos tantos anos juntos que tudo fica muito estranho com essa ausência.

JOHN WAYNE

Compreendo.

O VELHO

Antes eu até me incomodava quando ela se zangava comigo, por não limpar os sapatos no tapete da entrada, por salpicar água fora do chuveiro. Agora sinto falta de escutar ela resmungar e até das suas broncas.

O VELHO olha para outro lado e, disfarçando, passa os dedos sobre os olhos mareados. JOHN WAYNE arrasta sua cadeira para junto da poltrona do VELHO sentando-se de revés, como que montado sobre ela e com os braços cruzados no encosto da cadeira.

JOHN WAYNE

Era bonita tua garota?

O VELHO apalpa o bolso de sua calça tirando dali uma pequena carteira. Nela está contida uma foto amarelada que é passada para JOHN WAYNE, que tão logo a toma nas mãos, assobia e faz um grande alarde.

JOHN WAYNE

Seu malandro, sem-vergonha! Como foi que conseguiu laçar essa beleza?

O VELHO

A conheci quando vim para a cidade. Eu era, então, muito jovem. Enfieei minhas quatro coisas numa malinha que me emprestaram e, com dois centavos no bolso, vim para trabalhar numa fábrica. Desde o primeiro momento que pisei ali, meus olhos bateram nela. Era a mais bonita de todas. Percebi que ela também me olhava, e, em poucos dias acabei indo conversar com ela. Foi

assim que tudo começou. Quando saíamos da fábrica, íamos tomar limonada juntos. Uma limonada só para nós dois, para não gastar muito. Logo comecei a trabalhar à noite no porto para ter dinheiro e poder dar alguma coisa para ela. Eu não tinha nem onde cair morto. Demorei uns dez anos para ganhar o suficiente para comprar esta casa. Foi então que a pedi em casamento, e ela disse que sim.

JOHN WAYNE

Devia estar muito apaixonada.

O VELHO

(Piscando-lhe um olho) Estava mais é muito grávida.

JOHN WAYNE

Ah, seu bandido! Você era mesmo um malandrão!

O VELHO

Eu não era precisamente um galã, mas sempre tive muita sorte com as mulheres.

JOHN WAYNE

Assim é que eu gosto, campeão!

O VELHO

Me diziam que quando eu sorria parecia um artista de cinema. *(Silêncio)* E agora, quando sorrio me dá medo que caia a dentadura.

O olhar do VELHO se nubla de melancolia. JOHN WAYNE lhe conforta com umas carinhosas palmadinhas no ombro.

O VELHO

A verdade é que envelhecer não é nada agradável. Caem os dentes, cai o cabelo, cai o ânimo... Cai tudo. Te digo. Tudo!

JOHN WAYNE

Procura ver o lado positivo. Se poderia dizer que assim já não precisa se preocupar em escovar os dentes, nem se pentear, nem ...

O VELHO

É, mesmo assim não vale a pena.

JOHN WAYNE

Os índios do *farwest* dizem que os velhos são sábios porque conhecem o passado e, portanto, podem ver o futuro.

O VELHO

Quando eu era jovem, pensava que envelhecer significaria descansar e ganhar algum reconhecimento depois de toda uma vida de trabalhos. Imaginava que a gente devia se sentir tranqüilo, contando historinhas para os netinhos e sair passeando pelo parque. E veja só, não é nada disso. Vivo trancado aqui. Minha filha só vem para trazer comida e limpar a merda toda que faço, como se eu fosse um animal. Sou cada vez mais inútil, um pedaço de corpo que já não tem mais nada para fazer. O único futuro que vejo é negro, muito negro.

Silêncio.

O VELHO

Se eu pudesse ser um verdadeiro *cowboy* como você.

JOHN WAYNE

E por que diz isto?

O VELHO

Porque você vai e vem com as botas cheias de barro e ninguém te enche o saco por causa disso. Conquista sempre as mulheres mais bonitas; vence sempre os bandidos por piores que sejam, e todo o mundo te aplaude e te admira.

JOHN WAYNE

Mas isto só acontece nos filmes, meu querido amigo.

O VELHO

Sei, sei.

JOHN WAYNE

(Mostrando-lhe uma fotografia entre os dedos) Além do mais, você conquistou a garota mais bonita da paróquia.

O VELHO

(Enchendo o peito e imitando o sorriso de JOHN WAYNE) Isto é verdade.

O VELHO estende sua mão e recupera a foto das mãos de JOHN WAYNE. Fica a observá-la por um tempo e logo volta a guardá-la na carteira.

O VELHO

As pessoas te vêem como um pobre vovozinho e esquecem que você é um homem. Sabe? *(Achegando-se a JOHN WAYNE e baixando a voz em tom de cumplicidade)* Eu ainda gosto muito das mulheres. Só que procuro não ficar olhando muito para elas na rua para que não pensem que sou um velho assanhado.

JOHN WAYNE solta uma gargalhada escandalosa.

JOHN WAYNE

Que você acha de nós dois irmos até a janela para dar uma espiadinha na rua, só para ver as garotas passando?

JOHN WAYNE salta da cadeira e se dirige à janela. O VELHO, todavia, somente acompanha seus movimentos, boquiaberto, escandalizado.

O VELHO

Nem pense nisto. Eu não sou capaz.

JOHN WAYNE

Vamos! Estão aí fora, milhares de lindas mulheres, passeando de um lado para outro. Ninguém vai perceber.

O VELHO se levanta, lentamente, e se aproxima da janela sem debruçar-se demasiado.

JOHN WAYNE

Ei, vaqueiro! Está vendo o mesmo que eu?

O VELHO

Shsssst! Fala mais baixo. Os vizinhos vão ouvir!

JOHN WAYNE

Que par de pernas!

O VELHO

É melhor que não vejam a gente.

JOHN WAYNE

Vamos rapaz, você não pode perder isto.

O VELHO

(Metendo um pouco mais a cabeça para fora) Isto é coisa de moleque!

JOHN WAYNE

Arregala bem os olhos, *cowboy*. Por ali vem outra preciosidade, balançando a bunda bem debaixo de sua janela.

O VELHO

Não estou tão cego assim para não ver isso.

JOHN WAYNE

As mulheres são umas criaturas tão maravilhosas.

O VELHO

Inclusive as que não são bonitas.

JOHN WAYNE

Certo. Inclusive as que não são bonitas.

O VELHO

Aquela ali rebola que nem a Marilyn Monroe.

JOHN WAYNE

Não é que você tem razão! É mesmo rapaz!

O VELHO

Você conhece a Marilyn Monroe?

JOHN WAYNE

Claro que sim.

O VELHO

Ela é a mulher dos meus sonhos. Sempre me deixou louco.

JOHN WAYNE dá uma cotoveladinha no VELHO e com a cabeça faz sinal indicando a calçada, justamente abaixo da janela.

JOHN WAYNE

Você teria coragem de lhe dizer alguma coisa?

O VELHO

Nem morto!

JOHN WAYNE

Vai firme rapaz, um dia não se repete!

O VELHO

Mas é que ela vai pensar que sou um velho nojento.

JOHN WAYNE

Faça aí algum elogio, e em seguida a gente se esconde, ela nem vai saber quem foi.

O VELHO

Parecemos dois malandros safados.

JOHN WAYNE

Vai me dizer que não achou ela lindona?

O VELHO

É linda, lindíssima.

O VELHO dá uma olhada para JOHN WAYNE, respira fundo, põe a cabeça para fora da janela e grita a plenos pulmões.

O VELHO

Gostosoaaaaaaaaa!

Imediatamente os dois se recolhem, escondendo-se, ofegantes. JOHN WAYNE e O VELHO se entreolham e rompem em gargalhadas. Em seguida, depois de dar uma rápida espiadela para fora, ambos voltam a debruçar-se na janela.

O VELHO

Você jura que conhece a Marilyn Monroe?

JOHN WAYNE

Te juro pelo melhor dos meus rifles.

O VELHO

(Após soltar um sonoro suspiro) Ai, ai. Marilyn, maravilhosa e doce como um anjo!

JOHN WAYNE

Meu amigo, nisso estou completamente de acordo contigo.

Debruçados no parapeito da janela, JOHN WAYNE e O VELHO não percebem o dia passar, hipnotizados pela percussão ritmada de centenas de saltos femininos matraqueando de encontro à calçada.

A FILHA entra pela porta do dormitório apoiando O VELHO que caminha vagaroso, com grande dificuldade. Ela o ampara a cada passo dado em direção à poltrona, com cuidado, mas sem qualquer demonstração de carinho. Não lhe dirige o olhar jamais enquanto que o próprio velho parece estar imerso em uma estranha ausência, títere sem alma cuidadosamente vestido e penteado. Apoiado no batente iluminado da porta da cozinha, JOHN WAYNE solta um assobio adulator ao vê-lo passar. O VELHO gira imediatamente a cabeça para ele, enquanto que A FILHA, a duras penas o vai acomodando na poltrona.

JOHN WAYNE

Caramba! Veja só como ela te deixou cheiroso e bonitão!

O VELHO

Não me olhe deste jeito, hein, *cowboy*, que eu já estou comprometido.

JOHN WAYNE

Não sei se vou conseguir resistir aos teus encantos.

A FILHA

Senta, pai.

O VELHO

(Dirigindo-se a JOHN WAYNE) Que coisa engraçada que é essa vida! Quando ela era pequena era eu quem dava banho nela e a vestia, agora é ela que tem que me arrumar.

JOHN WAYNE

Isto é o que podemos chamar de “intercâmbio de experiências”.

O VELHO

Só que esta experiência de agora é ruim para os dois, para ela e para mim.

A FILHA

Vou te trazer alguma coisa para comer.

A FILHA dando-lhe as costas se dirige para a cozinha.

JOHN WAYNE

(Acompanhando-a com o olhar) É como estar num hotel de luxo.

O VELHO

O tratamento não é lá grande coisa, mas o serviço é dos melhores.

JOHN WAYNE

Tremenda sorte, compadre.

O VELHO

Agora vem o melhor. Um iogurte bem carregadinho de açúcar!

JOHN WAYNE

Isto sim é que é vida boa, rapaz.

O VELHO

Senta aqui do meu lado. Podemos dividir entre nós dois. Eu te convido, desde que você não se incomode em usar a mesma colherinha.

JOHN WAYNE salta sobre a poltrona vizinha e se acomoda com as pernas estiradas e os braços cruzados atrás da nuca. O VELHO adota idêntica postura. A FILHA aparece pela porta da cozinha trazendo um iogurte com uma colherzinha metida dentro.

O VELHO

(Excitado, esfregando as mãos) Aí está o nosso jantar.

A FILHA sem nenhuma delicadeza solta o iogurte nas mãos do VELHO e, sem trocar nenhuma palavra, vai para o dormitório. O VELHO e JOHN WAYNE olham o potinho de iogurte horrorizados.

JOHN WAYNE

Por todos os demônios!

O VELHO

Ai, meu Deus! Não veio a tampa!

JOHN WAYNE

Ah, não! Mas como pode ser isto?

O VELHO

Hei, cadê a tampinhaaaa!

JOHN WAYNE

Você esqueceu da tampinha, mocinha!

O VELHO

É a parte melhor do iogurte!

JOHN WAYNE

Maldição...!

O VELHO e JOHN WAYNE vendo A FILHA desaparecer dormitório adentro, olham um ao outro, decepcionados.

JOHN WAYNE

Ela não te deixa lambar a tampa?

O VELHO

Acho que ela se cansou de recolher essas tampinhas, jogadas por aí.

JOHN WAYNE

É que essas malditas tampinhas são muito escorregadias.

O VELHO oferece o iogurte a JOHN WAYNE.

JOHN WAYNE

Primeiro você, amigo.

O VELHO leva uma colheradinha de iogurte à boca, enquanto seu rosto se converte em uma careta de repugnância. Sem pensar duas vezes, cospe tudo dentro do potinho. JOHN WAYNE o observa, assombrado.

O VELHO

Que merda!

JOHN WAYNE

Que é que aconteceu?

O VELHO

Não tem açúcar!

JOHN WAYNE

Calma, amigo. Vamos ver. Isso não pode ser tão ruim assim. Um verdadeiro cowboy é capaz de comer um iogurte sem nem uma pitada de açúcar.

O VELHO

É azedo demais.

JOHN WAYNE

Temos que pedir o Livro de Reclamações.

A FILHA ressurge na sala. Observa o pai, cabisbaixo, com o pote de iogurte intacto na mão.

A FILHA

E então, que foi? Não tem vontade de comer hoje?

O VELHO não esboça a menor reação. A FILHA se aproxima dele.

A FILHA

Faça o favor de comer tudo isto.

A FILHA cruza os braços com gesto bruto. Seu rosto se enche de dureza.

A FILHA

Que é que há? Está ficando surdo, é?

O VELHO continua sem reagir. A FILHA passa as mãos pelo rosto, fecha os olhos, aperta os dentes tentando controlar os nervos.

A FILHA

Coma este iogurte inteirinho se não quer que eu me zangue.

JOHN WAYNE assobia para O VELHO com ar de zombaria.

JOHN WAYNE

Nossa senhora! Tem um gênio dos demônios, esta mocinha!

O VELHO

É igualzinha ao avô, que foi coronel do exército.

A FILHA

(Em um tom mais alto e agressivo) Estou avisando, ou come sozinho por bem ou serei obrigada a te dar isso à força.

O VELHO

(Para JOHN WAYNE, todo divertido) Está vendo só? Herdou o típico mau gênio militar.

A FILHA

(Apoiando-se sobre o braço da poltrona e aproximando-se ameaçadora) Se o senhor quer me fazer de idiota, já vai saber que comigo não tem brincadeira não.

O VELHO se encolhe, assustado, afastando-se da FILHA.

A FILHA

(Arrancando-lhe o potinho de iogurte da mão) Me dá isso aqui. O senhor vai comer tudinho, até a última colherada.

A FILHA, violenta e descontrolada, enche a colher de iogurte e a enfia na boca do VELHO, que arregala os olhos com temor.

A FILHA

Abre a boca.

JOHN WAYNE

Por que não pede para ela fazer aviãozinho?

A FILHA pressiona a colher com força de encontro aos lábios apertados do VELHO, que geme de dor diante do mau trato.

A FILHA

Abre a boca, merda!

O VELHO abre a boca, submisso, tremendo, enquanto A FILHA introduz com brusquidão a colher cheia para retirá-la em seguida.

A FILHA

Engole tudo isto.

O VELHO fecha a boca e baixa os olhos.

A FILHA

Estou vendo que ainda está com a boca cheia.

JOHN WAYNE

(Olhando O VELHO, um tanto alarmado) E... eu estou vendo que este garoto danado vai fazer uma molecagem. Cuidado mocinha...!

A FILHA

Engole tudo já!

JOHN WAYNE

(AO VELHO e tomando-o com suavidade pelo braço) Não vai fazer o que estou adivinhando...

A FILHA

Engole isto ou te...

O VELHO levanta a cara e cospe todo o iogurte em cima da FILHA.

JOHN WAYNE

Ai ai ai, eu sabia!

A FILHA retrocede uns passos, sobressaltada. Olha sua roupa, prenhe de manchas e, em seguida, volta-se para o pai. Enraivecida, num impulso,

lança-se sobre ele com a mão levantada, mas controla-se a tempo, diante do VELHO encolhido e amedrontado.

A FILHA

Que nojo! Que velho nojento!

O VELHO

(Para JOHN WAYNE, cabisbaixo) Não gosto de iogurte sem açúcar.

A FILHA

Da próxima vez que fizer uma coisa dessas eu te interno num asilo e não volto para saber do senhor nunca mais.

JOHN WAYNE, comovido, acaricia O VELHO com sua mão enorme e paternal.

O VELHO

(Tentando sorrir) No asilo pelo menos vou poder dançar uma rumba com alguma vozinha de gafeira.

A FILHA

Na verdade eu deveria ter me livrado do senhor no mesmo dia em que minha mãe morreu.

A FILHA dá meia volta e senta-se em uma das cadeiras, apoiando os cotovelos sobre a mesa. Da bolsa que está pendurada nas costas da cadeira retira um maço e dele extrai um cigarro, que acende com a mão trêmula. Fuma avidamente, de costas para o pai, deixando a mirada perder-se entre a fumaça no ar.

O VELHO

(Para JOHN WAYNE, com um sorriso amargo) Ela é carinhosa à sua maneira.

JOHN WAYNE mostra-lhe um sorriso igualmente amargo.

O VELHO

No fundo eu até entendo. Deve ser um saco sem fim suportar uma situação como essa. *(Silêncio)* Espero que isso tudo não dure muito.

JOHN WAYNE

Você está pensando em ir embora?

O VELHO

Só quero que nem ela nem eu tenhamos que sofrer mais.

JOHN WAYNE

Para onde gostaria de ir, vaqueiro?

O VELHO

Para o Velho Oeste.

JOHN WAYNE

Está feito, *cowboy*, pode contar com isso.

O VELHO

Você promete? De verdade, pelo melhor dos seus rifles?

JOHN WAYNE

Prometo. Só que vai ter que atravessar o deserto.

O VELHO

Não deve ser nada fácil.

JOHN WAYNE

Claro que é. Quando chegar a hora, você terá que ajustar bem o chapéu na testa para que não entre areia nos olhos, deverá agarrar bem forte as rédeas, cravar as esporas no lombo do cavalo e correr a todo galope até chegar ao ponto final.

O VELHO

E o que é que vou encontrar quando chegar lá?

JOHN WAYNE

Mais para além do imenso deserto sempre tem um bom rancho com água fresca e uma boa sombra onde descansar, com muita paz e tranqüilidade.

O VELHO

Hum, isto me soa muito bem! Sim senhor!

JOHN WAYNE

É o melhor lugar onde se possa estar.

O VELHO

Posso ir agorinha mesmo?

JOHN WAYNE

Não, ainda não chegou tua hora, *cowboy*.

O VELHO

Ah, que pena!

JOHN WAYNE

Calma, amigo. Por enquanto fico por aqui, te fazendo companhia.

O VELHO

O melhor de se estar como se fosse gado é poder brincar de vaqueiro contigo.

JOHN WAYNE, levando a mão para junto da testa, saúda O VELHO como a um soldado, e este logo corresponde à continência para, em seguida, ambos caírem numa estrepitosa gargalhada. JOHN WAYNE busca então no bolso um maço de cartas e começa a embaralhá-las com destreza. O VELHO, rindo, esfrega as mãos, enquanto A FILHA, de costas, acende um cigarro no toco de outro que termina, numa sucessão desesperada.

Os olhos nublados do VELHO estão perdidos no tubo cinzento do televisor. Está imóvel e assim permanece, afundado em sua poltrona. Pelo vão iluminado da porta da cozinha, aparece JOHN WAYNE, caminhando lentamente, com a aba do chapéu caindo pela testa e trazendo no rosto seu sorriso de meio lado.

JOHN WAYNE

Bom-dia, cowboy!

O VELHO apenas resmunga, com semblante carregado.

O VELHO

(Com a voz apagada e rouca) Já estava pensando que hoje você não viria me visitar.

JOHN WAYNE

Eu estava um pouco ocupado.

O VELHO

Eu também. Estava ocupado vendo televisão.

JOHN WAYNE

Mas como assim? A televisão está desligada!

O VELHO

Nem percebi.

JOHN WAYNE

Não é lá um bom dia, não é compadre?

O VELHO

(Após um silêncio. Com o olhar ainda perdido na tela da televisão) Um dia a mais... como qualquer outro.

JOHN WAYNE

É uma pena. Justo hoje que eu que tinha uma grande surpresa para você, meu bom amigo.

Uma luz de entusiasmo parece brotar no rosto do VELHO.

O VELHO

Vamos cruzar o deserto?

JOHN WAYNE

Não, ainda não.

O VELHO

(Decepcionado) Ah!

JOHN WAYNE

Trouxe um presentinho para você que eu tenho certeza que vai te agradar muito.

O VELHO

Faz séculos que ninguém me dá um presente.

JOHN WAYNE

Pois te garanto que será o melhor presente que já recebeu em toda a tua vida.

O VELHO

Cadê? Onde está?

JOHN WAYNE

Atrás de você.

Antes que O VELHO possa voltar-se, um par de mãos femininas chega serpenteando por suas costas para em seguida vedar-lhe os olhos. O VELHO resmunga ao sentir-se agarrado. Com um doce ronroneio, a voz de MARILYN MONROE, preguiçosa e sensual, entoa uma melodia, ao tempo em que sua figura esbelta vai emergindo por detrás da poltrona, como em sonhos.

MARILYN MONROE

I wanna be loved by you, just you, and nobody else but you...

Ao ouvir aquela voz, o corpo do VELHO estremece, seus lábios amarfanhados ficam indecisos entre a contração do sorriso ou o espasmo do pranto. Leva as mãos à boca, depois ao peito.

O VELHO

Não pode ser!

MARILYN se aproxima mansa, sedutora, colando seus lábios no ouvido do velho, enquanto canta baixinho, quase sussurrando.

MARILYN MONROE

I wanna be loved by you, aloooooone.

O VELHO desprende as mãos que o cegam enquanto gira a cabeça, ansioso, buscando com o olhar MARILYN MONROE que lhe surge envolta num vestido justo, meneando sensualmente as cadeiras enquanto rodeia lentamente a poltrona, acompanhando o ritmo da canção.

MARILYN MONROE

I wanna be kissed by you, Just you, and nobody else but you, I wanna be kissed by you, alooone.

JOHN WAYNE

(Da porta da cozinha) Que está achando, rapaz?

O VELHO

Eu estou sonhando!

JOHN WAYNE

Pois ela está aí, em carne e osso diante de você. Veio especialmente só para te ver.

O VELHO

Marilyn!

MARILYN se senta, cruzando as pernas, no braço da poltrona do VELHO, que não deixa de olhá-la, entontecido, boquiaberto, olhos luminosos e enormes saltando das órbitas.

MARILYN MONROE

Olá, papaizinho! Meu velho amigo me disse que precisava te animar um pouquinho.

O VELHO

Eu acho que devo estar morto, estou diante de um Anjo.

MARILYN MONROE

Nossa mãe do céu! Olhe só! Ele é um sedutor marca maior! Já estou vendo que era mesmo verdade tudo o que me contaram sobre você.

O VELHO se volta para JOHN WAYNE, com olhar inquisidor.

JOHN WAYNE

Não olhe para mim, amigo.

MARILYN MONROE

Ah, eu adoro os homens sedutores.

O VELHO

(Escondendo o rosto, envergonhado) Sou só um velho feio e enrugado.

MARILYN MONROE

(Brincando com os poucos cabelos do VELHO entre seus dedos) Nada disso, paizinho. Esse olharzinho doce é capaz de enlouquecer qualquer mulher.

O VELHO, ruborizado, não pôde deixar de reprimir uma risada.

O VELHO

Quando eu tinha todos os dentes, meu sorriso era bem bonito, de artista de cinema.

MARILYN MONROE

Eu gosto muito do sorriso que você tem agora.

JOHN WAYNE assobia intencionalmente. O VELHO lança um olhar de reprovação ao vaqueiro.

JOHN WAYNE

(Divertido) Uau! Acho que vou tirar uma sonequinha por aqui enquanto vocês dois conversam sobre as suas coisas.

JOHN WAYNE escolhe uma cadeira e senta-se a balançar equilibrando-se sobre as pernas traseiras e colocando as suas próprias estiradas sobre a mesa. Enterra o chapéu até os olhos e finge dormir enquanto espia com os olhos semicerrados, acompanhando a conversação de MARILYN com O VELHO.

O VELHO

Você poderia cantar outra vez aquela canção?

MARILYN se levanta de um salto e começa a cantar, gíngando ombros e cadeiras, graciosa e suavemente.

MARILYN MONROE

I wanna be loved by you, just you and nobody else but you.

O VELHO

Uuuuuuuuuu, *mamma mia!*

MARILYN MONROE

I wanna be loved by you, aloooone.

MARILYN toma O VELHO pelas mãos e, dançando, o puxa para si, tencionando fazê-lo levantar-se da poltrona. O VELHO, com um sorriso tímido, resiste.

O VELHO

Não, não. Eu não consigo mais dançar. Até já esqueci como é que se dança.

MARILYN MONROE

Venha, paizinho. Só tem que segurar na minha cintura e se deixar levar.

O VELHO

Não posso. De verdade, não posso mesmo.

O VELHO se levanta da poltrona, e logo Marilyn o enlaça, rodeando seu pescoço com os braços. O VELHO a toma pela cintura e, rígido, acanhado, com olhar fugidio, ensaia uns passos trôpegos para a esquerda e para a direita. MARILYN ri, divertida e com doçura aproxima seus lábios do ouvido de seu par e lhe sussurra sua canção, ao tempo em que lhe dá indicações dos próximos movimentos. Gradativamente O VELHO perde a rigidez inicial, seus passos ganham agilidade e destreza, suas mãos adquirem confiança sobre o corpo da mulher, e seu olhar anseia por encontrar o dela. O rubor cede lugar ao sorriso, e este logo se transforma em deliciosa gargalhada. O baile vai se tornando cada vez mais frenético. Ambos rodopiam pelo espaço inteiro, tropeçando e desviando do mobiliário, embriagados de prazer e de felicidade. MARILYN tira os sapatos de salto e os lança pelo ar com um grito alegre. Seus cachos de cabelos platinados pululam sobre seu rosto feliz e O VELHO, fascinado, não consegue deixar de admirá-la. Os dois cantam, dançam e riem. Por sob a aba do chapéu, o típico sorriso de JOHN WAYNE, reluz semi-oculto. Depois da excitação, muito próximos um do outro, rostos colados, guardando silêncio, lentamente navegam embalados pela música, os pés descalços de MARILYN MONROE pousados carinhosamente sobre os pés do VELHO. Mais que uma dança, os envolve um abraço em movimento.

O VELHO

Acho que nunca fui tão feliz.

MARILYN MONROE

Por minha causa?

O VELHO

Que pena que não jogo mais sinuca no bar da frente. Aqueles velhos xaropes morreriam de inveja se eu contasse tudo isso.

Marilyn Monroe ri, enquanto O VELHO a observa prazeroso, seu rosto emanando a ternura de um garotinho feliz.

O VELHO

Você é mimosa como uma gatinha.

MARILYN MONROE

(Suavemente, no ouvido do VELHO) Miau!

O VELHO

Uma gatinha dengosa e arteira.

MARILYN retrocede uns passos e se atira no assoalho, de joelhos, movendo-se como uma gata.

MARILYN MONROE

Miau, miauuuuu!

O VELHO ri como criança vendo MARILYN engatinhar ao seu redor.

MARILYN MONROE

(Puxando suavemente a perna das calças do VELHO) Oh, mas é um leão!

O VELHO

Quem? Eu?

MARILYN MONROE

É sim, é um leão malvado e que quer me morder.

O VELHO

Não, eu não... eu...

MARILYN se afasta engatinhando até esconder-se debaixo da mesa.

MARILYN MONROE

Solta um rugido, senhor leão.

O VELHO

(Um pouco tímido) RRRRRRRRAAAUUUUUUUUUUUU!

MARILYN MONROE

Ai que medo! Que leão tão bravo!

O VELHO

(De joelhos no chão) RRRRRRRRAAAAAUUUUUUUUUUUUUUUUUU!

MARILYN MONROE

Miaauuuuuuuuu!

O VELHO

Vem aqui, minha gatinha, que quero morder tua patinha.

MARILYN MONROE

Não! Miaaaaauuuuuuuu! Ui! Seu Leão malvado!

O VELHO

Vou te pegar, gatinha sapeca!

MARILYN MONROE

Uiiii! Que medo!

Pelo chão, engatinhando, O VELHO brinca de perseguir Marilyn, que corre, grita e pula indo de um lado para o outro. De um salto, O VELHO a segura pelo tornozelo e lhe morde a batata da perna, mas no mesmo instante a solta, levando as mãos à boca, assustado. MARILYN se levanta, alerta.

O VELHO

Ai meu Deus! Esqueci que esse leão usa dentadura postiça!

MARILYN MONROE dá uma enorme gargalhada e rola pelo chão até ficar com a barriga para cima. O VELHO também rindo, rola para junto dela. O riso se vai acalmando, e os dois permanecem deitados, em silêncio, com os olhos postos no teto.

MARILYN MONROE

Quando eu era pequena, gostava de rolar pela grama do jardim de casa para ficar olhando o céu, as estrelas. Eu as ia desenhando, dessa forma, com o dedo. Às vezes imaginava que as podia colher, assim mesmo, com a mão, e apertava o punho bem forte para que não escapassem. Logo, quando eu abria as mãos, não havia nada. As estrelas, não se podem alcançar jamais.

O VELHO

Você é uma estrela. E eu já consegui te alcançar. Não preciso mais nada nesta vida.

MARILYN MONROE

Você é o homem mais gentil e bom deste mundo, paizinho.

O VELHO

Ah, quanto tempo fazia que ninguém me chamava de papai, com tanto carinho.

O VELHO, emocionado, acaricia com ternura o rosto sorridente de MARILYN, depois se levanta e se dirige para a porta.

O VELHO

Eu preciso tomar um pouco de ar. Respirar outro ar que não seja o desta casa fechada.

MARILYN MONROE

(Alçando-se um pouco com o corpo apoiado sobre os cotovelos) Você me deixa ir junto com você?

O VELHO

Adoraria poder passear ao lado de um anjo.

MARILYN MONROE se levanta veloz e toma o braço do VELHO, que abre a porta. Lentamente, os dois saem. JOHN WAYNE afasta o chapéu do rosto ajeitando-o na cabeça deixando somente que a aba lhe caia sobre a fronte. Depois, pausadamente atravessa a sala e escancara a janela, permitindo que se veja no quadrilátero aberto somente um deserto imenso, estendendo sua secura infinita em direção ao horizonte distante.

Quarto de hospital onde tudo é alvo e reluzente. Inundado pela claridade intensa que vem através da enorme janela coberta com cortinas brancas, está O VELHO, estirado sobre uma cama. Dorme. Inúmeros tubos finos e brancos, atados a alguma parte de seu corpo, são terminais que partem de máquinas extravagantes, dispostas à cabeceira de seu leito e que murmuram músicas de silvos e apitos agônicos. A um lado da cama, sentada em uma cadeira, A FILHA o acompanha, descabelada pelo cansaço e pela tristeza. Junto a ela, com um avental branco de médico, está JOHN WAYNE, ocupado a dar ligeiros toques com as pontas dos dedos de uma mão, no decorrer do exame que faz no corpo do VELHO.

JOHN WAYNE / MÉDICO

Vamos ver como está hoje este dorminhoco.

O VELHO continua adormecido. JOHN WAYNE se aproxima mais, deixando cair meio corpo sobre a cama.

JOHN WAYNE

(Sussurando-lhe ao ouvido) Ei, Pssssssiu!

O VELHO faz um leve movimento.

JOHN WAYNE

Ei, cowboy!

O VELHO entreabre os olhos.

JOHN WAYNE

Vamos lá, seu molenga, já é hora de acordar.

O VELHO esfrega os olhos e se espreguiça, vagaroso, como se saísse de um sono milenar.

JOHN WAYNE

E então, compadre? Como é que está?

O VELHO

Maravilhosamente bem. Dormi como um bicho preguiça.

JOHN WAYNE / MÉDICO se levanta, de pé, perto da FILHA, dando leves golpes e pressionando as extremidades do VELHO, enquanto este permanece com os olhos fechados.

JOHN WAYNE / MÉDICO

(Dirigindo-se A FILHA) É muito provável que já nem nos ouça.

A FILHA

Quando falo com ele, algumas vezes abre os olhos.

JOHN WAYNE / MÉDICO

Nestes casos os pacientes podem ter reações puramente mecânicas, alheias a qualquer estímulo externo. Você pode reparar que mesmo quando faço algum tipo de pressão ou punção, isso não produz nenhuma resposta física.

A FILHA

Eu sabia que um dia ou outro isso acabaria acontecendo. Avisei para que não usasse a escadaria.

JOHN WAYNE novamente inclinado sobre a cama, dá ao VELHO uma cutucada discreta com o cotovelo, em sinal de cumplicidade.

JOHN WAYNE

Ontem você se divertiu à beσσα, não foi, seu malandrão?

O VELHO

Foi como se estivesse sonhando...

JOHN WAYNE / MÉDICO

(Falando para A FILHA, de pé, enquanto vai anotando alguns dados de uma das máquinas, em uma caderneta que leva debaixo do braço) Realmente a fratura e o edema não fizeram mais que acelerar o processo degenerativo de que já vinha padecendo seu pai.

A FILHA

O senhor pensa que ele poderá se recuperar, Doutor?

O VELHO

Me senti como se fosse jovem de novo. Essa mulher é um anjo. Acho que nunca antes tinha sido tão feliz. Fazia um tempão que não me sentia tão vivo.

JOHN WAYNE / MÉDICO

(À FILHA). Dependerá, certamente, dele mesmo. E, francamente, neste caso, acho mesmo que ele está se deixando morrer.

A FILHA toma a mão do pai e a beija enquanto seu corpo é sacudido pelo pranto.

O VELHO

(Olhando em direção à grande janela) Oh, quanta claridade!

JOHN WAYNE

É a luz que vem do deserto.

O VELHO

Por fim vou poder vê-lo?

JOHN WAYNE

Está ali te esperando. Imenso e solitário.

A FILHA

Não me deixe só, papai. Eu prometo que vou te cuidar.

O VELHO

Você vem comigo?

JOHN WAYNE

Esta viagem você vai ter que fazer sozinho, amigo.

O VELHO

Espero que algum dia a gente volte a se encontrar.

JOHN WAYNE

Pode ter certeza. E então jogaremos uma bela partida de pôquer.

O VELHO

Fique tranqüilo que te deixarei ganhar.

A FILHA

O senhor tem que ficar bom!

O VELHO

De quem é essa voz tão doce que me fala?

A FILHA

Está me ouvindo, papai?

O VELHO

É ela?

A FILHA

Sou eu, tua filha.

JOHN WAYNE

Ela está aqui, ao teu lado.

A FILHA

Papaizinho, sou eu.

O VELHO

(Emocionado) Marilyn!

A FILHA

Estou aqui, contigo.

O VELHO, nesse instante, desperta e dirige para A FILHA um olhar brilhante de emoção.

O VELHO

(Para A FILHA) Meu Anjo!

A FILHA

Papai!

O médico sobressaltado por uma gama de ruídos agudos, se precipita sobre uma das máquinas e imediatamente corre para examinar o paciente. A FILHA beija desesperadamente as mãos do pai.

A FILHA

Estou aqui papai, diga alguma coisa!

JOHN WAYNE / MÉDICO

Ele está partindo.

A FILHA

Não pode ser. Ele estava falando comigo.

O VELHO

Você é a mulher mais linda do mundo.

JOHN WAYNE

Veio para se despedir de você, vaqueiro.

O médico, com delicadeza, tenta separar A FILHA, que se atira sobre O VELHO para abraçá-lo.

JOHN WAYNE / MÉDICO

Fique um pouco distante dele, moça, por favor.

A FILHA

Ele acordou e falou comigo.

JOHN WAYNE / MÉDICO

Foi só uma reação espasmódica. Ele está agonizando.

A FILHA

Papai, papazinho! Fala comigo. Estou aqui.

JOHN WAYNE

Já é hora de montar no cavalo, *cowboy*.

O VELHO

Tem tanta luz que quase não posso ver.

JOHN WAYNE

O ar quente do deserto abrasa até te queimar os olhos.

O VELHO

Você acha que conseguirei chegar?

JOHN WAYNE

Só tem que seguir reto, em direção ao pôr-do-sol. Galope a toda velocidade, amigo, com o vento batendo no rosto.

A FILHA

Papai, eu te cuidarei.

O VELHO

Adeus, amigo. Te espero do outro lado.

A FILHA

Fica aqui comigo.

JOHN WAYNE

Vai, compadre, cavalga firme, ligeiro, como um verdadeiro *cowboy*!

A FILHA

Eu te cuidarei, papai.

JOHN WAYNE

Corre *cowboy*, a toda velocidade!

A FILHA

Nunca mais te deixarei sozinho de novo.

Distante e irreal, a voz da FILHA entoava a velha melodia que Marilyn Monroe sussurrara ao ouvido do VELHO.

A FILHA

I wanna be loved by you, just you and nobody else but you. I Wanna be loved by you... alooone. Puuu puu pi duuu.

O VELHO sorri. JOHN WAYNE lança seu chapéu para o ar com alarido, no mais puro estilo do Velho Oeste americano.

JOHN WAYNE

!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!UHUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUU!

O VELHO fecha as pálpebras.